

RM 434

CM 14.10.52

MISTÉRIO DE BELO HORIZONTE

QUE há com Belo Horizonte? Talvez seja o pecado original, o estranho pecado das cidades inventadas. Não nasceu como qualquer uma junto a um pôrto, na beira de um rio, na encruzilhada de um caminho; não nasceu de vida nascida; foi feita, riscada no papel. Impossível negar sua beleza; ainda agora, olhando a majestosa subida da Avenida Afonso Pena, no fim da madrugada, tive a impressão de beleza ampla que teve o adolescente que saía a pé, na madrugada fria, para a sua Linha de Tiro.

Aqui estudei, cresci, trabalhei, amei, sofri... E no entanto, esta cidade que às vezes foi tão generosa para comigo, que me acolheu à sombra de suas antigas mangueiras, ela sempre me dará uma espécie de angústia mansa, uma vontade de partir de repente, como parti uma vez para São Paulo, sem nenhum dinheiro, sem conhecer ninguém, partir por partir... E que bem ao peito me faz chegar a Sabará; é esse rio, são esses rios, tão diferentes do pobre Arudas, rios que dão à cidade uma ilusão de liberdade, rios onde podemos embarcar as modestas canoas de nossas vagas esperanças.

Um dia espero que Monzeca me explique a sedução de Belo Horizonte, pois este é um segredo de Monzeca. Quando passo com Emílio Moura pela porta do Cinema Glória, domingo à tarde, tenho uma espécie de alucinação no tempo; esta mesma calçada, este mesmo cinema, esses mesmos rapazes no meio-fio, essas mesmas môças meio

endomingadas, os mesmos filmes de 1931.

endomingadas — e olhamos o cartaz —, esses mesmos filmes de 1931. Emílio Moura está chegando aos 60, êle, Dornas e Drummond; eu vou chegando aos 50; Osvaldo Alves anda pelo Recife. Somos todos gente mais ou menos daqui; Dornas sonha com um sítio, Drummond só sai do Rio para Itabira. Osvaldo Alves não pensa em voltar; evito interrogar Emílio, êle me confessa que às vezes desconhece a cidade, “estranha de repente” — esta porta do Cinema Glória é que nos afunda nas recordações de 30 anos. Então, de súbito eu sinto por esta bela cidade essa espécie de ternura desesperada que a gente tem por uma pessoa a quem gostaria de amar. Aqui fui tão infeliz e também tão feliz no amor; mas se as pessoas ficaram na lembrança, doendo, por que a cidade não se incorpora a essas imagens, como a ponte municipal de Cachoeiro, aquela rua em Paris, aquela esquina do Rio, aquêlê bar de São Paulo?

55 anos.

Aqui vivi minha mais simples e perfeita história, de amor; tenho saudades de pessoas e também de mim mesmo naquele tempo; mas a cidade é estranha a tudo, ela não me emociona como devia — há alguma coisa de asséptico, de neutro, de arrumado e de impessoal na cidade.

E como cresceu! Ando pelas ruas, não conheço quase ninguém. Encontro-me com amigos velhos, me reencontro um pouco ao fim de tantos anos; mas Belo Horizonte, serena e bela, não tem nada a ver com isso.

481-817/61